

# Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo

3ª edição



LAERTEN

**IPFD**  
Instituto de Pesquisa,  
Formação e Difusão em  
Políticas Públicas e Sociais

**OBORÉ**  
Projetos Especiais

PROFESSOR  
**ELISEUGABRIEL**  
o vereador da educação



**A**qui você encontra o registro das três edições do curso “Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo”. Oferecidas no âmbito do Projeto Repórter do Futuro, elas foram especialmente desenhadas como atividades educativo-culturais voltadas a jovens universitários nas quais obras cinematográficas são dispositivos para reflexões, discussões, ideias de pautas e produção de conteúdo audiovisual na cidade de São Paulo.

Convidamos você a acompanhar essa experiência que reuniu, nos últimos três anos, cerca de 300 jovens estudantes de Comunicação de todo o Brasil para estudar e retratar assuntos ligados a São Paulo, a cidade dos mil povos.

Boa leitura!



# Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo

3ª edição



**IPFD**  
Instituto de Pesquisa,  
Formação e Difusão em  
Políticas Públicas e Sociais

**OBORÉ**  
Projetos Especiais

PROFESSOR  
**ELISEUGABRIEL** PSB  
o vereador da educação



# Expediente

Este material é resultado da terceira edição do curso "Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo" promovido pelo Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais (IPFD) em parceria com a OBORÉ no âmbito do Projeto Repórter do Futuro. Foi realizado por meio de Termo de Fomento nº 018/SPAR/SMC-G/2023 celebrado entre Prefeitura Municipal de São Paulo / Secretaria Municipal da Cultura (PMSP/SMC) e Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais (IPFD) - Processo SEI nº 6025.2023/0024815-8 viabilizado por Emenda Parlamentar de autoria do Vereador Eliseu Gabriel (PSB-SP), em 2023.

**SUPERVISÃO EDITORIAL:** Sergio Gomes

**ORGANIZAÇÃO:** Ana Luisa Zaniboni Gomes e Luana Copini

**TEXTOS:** Ana Luisa Zaniboni Gomes, Luana Copini e Sergio Gomes

**SUORTE EDITORIAL:** Cristina Cavalcanti e Thaís Magalhães Manhães

**PROJETO E PRODUÇÃO GRÁFICA:** Carlos Guena

**ILUSTRAÇÃO DE CAPA:** Laerte

Este ebook é de propriedade intelectual do Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais – IPFD. Está hospedado e disponível em [www.ipfd.org.br/publicacoes](http://www.ipfd.org.br/publicacoes)

Reprodução permitida desde que citada a fonte.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Cinema e jornalismo [livro eletrônico] : luzes sobre São Paulo / [organização Ana Luisa Zaniboni Gomes, Luana Copini ; textos Ana Luisa Zaniboni Gomes, Luana Copini e Sergio Gomes ; ilustração Laerte. -- 3. ed. -- São Paulo : OBORÉ : Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão de Políticas Públicas e Sociais - IPFD, 2024.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-85-61497-17-0

1. Cinema 2. Crítica cinematográfica 3. Filmes brasileiros - História e crítica 4. Jornalismo I. Gomes, Ana Luisa Zaniboni. II. Copini, Luana. III. Gomes, Sérgio. IV. Laerte.

24-199092

CDD-791.43015

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Crítica cinematográfica 791.43015

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Este e-book marca os 30 anos do Projeto Repórter do Futuro. Nosso profundo agradecimento aos que nos acompanharam nessa incrível jornada.

Sergio Gomes  
Ana Luisa Zaniboni Gomes  
diretores da OBORE

“Que a crítica apague toda a minha poesia, se lhe parece. Mas este poema, que hoje recordo, ninguém poderá apagá-lo nunca mais.”

Pablo Neruda

# Sumário

<b>PREFÁCIO</b> .....	8
<b>APRESENTAÇÃO</b>	
Nossa Aldeia .....	10
<b>PARTE 1 - UMA PANORÂMICA</b>	
Sobre o curso e seu percurso.....	13
<b>PARTE 2 - DÁ-LHE UM ZOOM</b>	
Sobre as produções .....	36
• Mooca: Lugar em que se faz casa .....	38
• Vai-vai e as Raízes do Bixiga: Uma história Entrelaçada .....	41
• Ruth Escobar: teatro, memória e resistência .....	44
• Mulheres do Jaraguá .....	47
• O verde no cinza .....	50
<b>NOTA FINAL</b>	
Sobre o Projeto Repórter do Futuro .....	53
Sobre o IPFD .....	55

## PREFÁCIO

# Aprender e ensinar com as novas gerações

Eliseu Gabriel

A experiência exitosa e o resultado potente das duas edições anteriores do curso “Cinema e Jornalismo: luzes sobre São Paulo” realizadas em 2021 e 2022 com recursos de emenda parlamentar de nosso gabinete nos motivou a apoiar a continuidade do projeto. Os frutos dessa decisão, acertada, já podemos ver com esta publicação: um bonito registro da terceira edição, realizada em 2023, que mobilizou jovens estudantes de todo o Brasil a pensar sobre São Paulo, retratar algumas de suas muitas faces e decifrar alguns de seus muitos sentidos. Explicar o que acontece na cidade não é tarefa fácil... por isso a importância de oportunizar momentos e iniciativas como as propostas neste curso ao jovem público universitário dedicado à arte de ver, ouvir, narrar e reportar.

Acompanhamos de perto, desde 2011, as atividades de formação desenvolvidas pela OBORÉ e pelo IPFD junto à Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo nos cursos de complementação universitária “Descobrir São Paulo, Descobrir-se Repórter”. Reconhecidos como de excelência dada a importante contribuição em formar futuros profissionais da imprensa com olhar atento para a nossa cidade, esses cursos anuais têm mobilizado não apenas jovens estudantes de graduação em Jornalismo como também vereadores de diversas matizes políticas e especialistas das diversas áreas do conhecimento, todos desafiados a refletir e discutir os grandes problemas relacionados a uma megalópole como São Paulo.



**Eliseu Gabriel**, professor, físico e administrador público. Vereador da cidade de São Paulo em seu sexto mandato consecutivo (PSB/SP).

Foto: Alice Vergueiro

O Projeto Repórter do Futuro – que, aliás, comemora 30 anos em 2024 – é o guarda-chuva que abriga esses cursos temáticos modulados, viagens de estudos e reportagens, ciclos de cinema, rodas de conversa com profissionais consagrados, entrevistas exclusivas e redações-laboratório. Foi criado em 1994 e por ele já passaram cerca de 2 mil estudantes e jovens jornalistas. Vale destacar que a iniciativa conta com o apoio das coordenações dos principais cursos de jornalismo da cidade de São Paulo, organizações expressivas da sociedade civil, profissionais de ponta do jornalismo e a participação de lideranças comunitárias, gestores públicos, especialistas, autoridades e personalidades do mundo político, acadêmico e cultural.

Não posso deixar de destacar outro aspecto que referendou a indicação de apoio a este projeto: o extenso currículo de atividades que OBORÉ e IPFD desenvolvem junto ao poder público nas áreas da educação, cultura, saúde e direitos humanos tendo como eixo a comunicação e a formação para as políticas públicas e sociais. Um capital social como esse precisa ser estimulado e apoiado. Portanto, desejo vida longa ao curso, ao Projeto Repórter do Futuro e à equipe que, em moto-contínuo, está envolvida na nobre tarefa de aprender e ensinar com as novas gerações.

## APRESENTAÇÃO

# Nossa aldeia

Oswaldo Luiz Colibri Vitta

**S**e queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia”. A frase de Leon Tolstói, um dos maiores escritores da literatura universal, autor dos romances “Guerra e Paz” e “Anna Karenina”, tantas vezes apresentados nas telas dos cinemas, foi o leitmotiv da terceira edição do Curso Cinema e Jornalismo – Luzes sobre São Paulo.

A jornalista Ana Aranha, em parceria com Daniel Camargos, nos impactou com “Relatos de um correspondente de guerra na Amazônia”, um documentário de denúncia e investigação, que foi além da simples narrativa, colocando questões éticas e de produção desse perigoso trabalho.

A diretora Maria Farkas, de família conhecida na história do audiovisual brasileiro, descreveu em detalhes a série “Causando na

Rua”, que discorre sobre vários temas de São Paulo, como a “Expedição do Rio Saracura”, passeando e discutindo a história dos rios submersos da cidade.

O jovem diretor Gabriel Cesar, morador de São Mateus, comprou uma câmara fotográfica aos 15 anos e, a partir daí, começou a registar a cena social e musical do distrito, com samba, rap e MPB. “Cidade São Mateus” transformou-se num sensível documentário sobre seu bairro.

O “motivo condutor” da cineasta Mariana Gabriel foi mais uma vez a história de sua família, mas agora investigando os vários pontos de São Paulo percorridos pelo Circo-Teatro Guarany, de seu bisavô, entre os anos 1948 e 1958. Sua mãe Daise, filha da atriz Maria Eliza,



**Oswaldo Luiz Colibri Vitta**, é jornalista, radialista, produtor cultural e cineclubista. Como membro do Conselho de Orientação Profissional do Projeto Repórter do Futuro, foi convidado a mediar os encontros das três edições do “Cinema e Jornalismo”.

Foto: Acervo pessoal

o palhaço Xamego, protagoniza a história de “Guarany: Histórias do Circo dos Pretos”, um relato comovente de luta e resistência.

Do alto dos seus 84 anos, o consagrado cineasta João Baptista de Andrade nunca deixou de falar da cidade, desde os idos tempos de 1972, quando trabalhava para o programa “Hora da Notícia” da TV Cultura, indo à rua para produzir suas próprias pautas. Em 1979, registrou, por conta e risco, o movimento sindical e a greve do ABC. O documentário “Greve” foi editado às pressas e se tornou um manifesto político e social, exibido com recorde de público pelo movimento cineclubista de São Paulo. Seu trabalho na área de ficção, como, por exemplo, o premiado “O Homem que virou suco”, de 1981, nunca deixou de provocar a realidade. João Baptista criou o chamado “cinema de intervenção”. Inspirado sempre em sua própria aldeia.

A nova geração de jornalistas/documentaristas que participou deste curso tem pela frente o desafio de trabalhar com as tecnologias digitais, a inteligência artificial e as redes sociais, mas ao mesmo tempo não pode perder a essência do analógico: a entrevista tête-à-tête, o depoimento pessoal, presencial, ao vivo. Os cinco palestrantes, com suas múltiplas vivências, deixaram isso bem claro. A inspiração em vários filmes e em mestres como Eduardo Coutinho, cuja estratégia era “se colocar no lugar do outro em pensamento, sem anular a diferença entre os que estão dos dois lados da câmera”. Coutinho deixou um legado importantíssimo, criou uma escola para além do documentário. O mais recente trabalho do premiado diretor Kleber Mendonça Filho, Retratos Fantasma, é prova disso. Um retrato poético e pessoal pelo Recife de sua juventude. Um olhar íntimo mostrando as transformações de sua cidade. Mais uma vez, pintou a sua aldeia.

The background is a solid teal color. On the left side, there are several vertical light rays of varying widths, creating a sense of depth and light. Scattered throughout the background are numerous small, white, five-pointed stars of different sizes. In the lower-left quadrant, there are several larger, stylized, light blue shapes that resemble abstract leaves or petals, some of which are partially overlapping.

★ PARTE I

# Uma panorâmica

SOBRE O CURSO E SEU PERCURSO

# Uma panorâmica

## Sobre o curso e seu percurso

O oferecido no âmbito do Projeto Repórter do Futuro, o curso “Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo” foi especialmente desenhado como uma atividade educativo-cultural voltada a jovens universitários na qual obras cinematográficas são dispositivos para reflexões, discussões, ideias de pautas e produção de conteúdo audiovisual na cidade de São Paulo.

As muitas e novas possibilidades de leitura e registro da vida em sociedade se potencializaram com o avanço tecnológico e a revolução digital. Mas continuam demandando de nós boa preparação, informação qualificada e muitos repertórios, dentre os quais estéticos, éticos e sobretudo sensíveis, que podem ser desenvolvidos por meio do acesso a recursos e narrativas artístico-culturais, em especial o Cinema e os múltiplos formatos audiovisuais que atualmente circulam nas mais diversas telas, mídias e plataformas.

Na terceira edição deste curso, a proposta foi mantida: jogar luz sobre as muitas questões que envolvem a vida cotidiana de um dos maiores centros urbanos do hemisfério sul do planeta. Com a ajuda de obras audiovisuais e documentários, os participantes levantaram pautas e, a partir delas, produziram material jornalístico ou documental sobre um determinado aspecto da cidade.

Ao todo, foram realizados 5 encontros sob a forma de palestra / entrevista coletiva, precedidos de audição de obras selecionadas para cada encontro. Os participantes foram divididos em grupos e, com supervisão dos coordenadores do módulo, saíram a campo para a realização de suas produções.

## NÚMEROS DESTA EDIÇÃO

Uma das novidades da **edição 2023** foi a ampliação do curso para além das fronteiras da cidade de São Paulo, o que permitiu que estudantes de outros estados e cidades brasileiras participassem do módulo. Recebemos inscrições de estudantes oriundos de **44** diferentes instituições de ensino superior sediadas em **23** das **26** unidades da Federação e Distrito Federal. Ou seja, cobertura de **88%** do território nacional.

- **237** inscrições
- **61%** dos inscritos pertencem à faixa etária de **20 a 25 anos**
- **96%** são estudantes de graduação ou recém-formados em Jornalismo
- **5 obras** audiovisuais produzidas pelas equipes de participantes com temáticas relativas à cidade de São Paulo



## EQUIPE

**COORDENAÇÃO EXECUTIVA:** Sergio Gomes e Ana Luisa Zaniboni Gomes

**ASSISTENTE DE COORDENAÇÃO:** Luana Copini

**MEDIADOR DOS ENCONTROS:** Oswaldo Luiz Colibri Vitta

**ORIENTADORES DE EQUIPES:** Luana Copini e Oswaldo Luiz Colibri Vitta

**PALESTRANTES CONVIDADOS:** Ana Aranha, Maria Farkas, Gabriel César, Mariana Gabriel, Daise Alves dos Reis Gabriel e João Batista de Andrade.

**GESTÃO / SUPORTE OPERACIONAL:** Cristina Cavalcanti e Thaís Manhães

**AUTORAS E AUTORES DAS PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS DO MÓDULO:** Aldrey Olegário, Alessandra Santos do Nascimento, Alexandra de Araujo, Ana Carolina Rossini Augusto, Ana Gabrielly Souza De Carvalho, Ana Luiza Cruz Muniz, Beatriz Barboza da Silva Lima, Beatriz Yamamoto, Bruna Viana de

Carvalho, Cadu Guarieiro, Carolina Rocha, Cendy Domingues, Ester Caetano, Fabio de Cácia, Fabio Santiago, Fagner Ramos, Felipe Kosuta de Azambuja, Felipe Velames, Gabriel Arouca Leão, Gabriel Eid, Gabriela Santos Pereira, Gabriela Varão, Geraldo de Melo Campos, Giovanna Aureliano Passos, Herbet Brandão, Isabella Marin, Isabella Nascimento Siqueira, Isadora Maria Camello, Jessica Cristina Alves, Júlia de Amorim Pelegrino, Juliana Neris, Karine Gomes, Kassiane Ribeiro, Kethilyn Mieza Sobral, Larissa Mariano, Laysa Vitória, Litália Barros Araújo, Luana Machado, Luiz Guilherme Lima, Maria Clara Pereira de Oliveira, Maria Elisa Tauil Silva, Naiara Ribeiro Santana, Rayanne Carla de Melo Silva, Roberta Costa, Thaís Helena Moraes, Thayná Tosta, Thiago Baba, Uesley Durães e Vanessa Centeno Ferreira.

## ■ PRIMEIRO ENCONTRO

14 de outubro de 2023

# Ana Aranha e Sergio Gomes

## SOBRE OS CONVIDADOS

**Ana Aranha** é coordenadora de projetos especiais na Repórter Brasil. Repórter e documentarista, tem 14 prêmios de jornalismo. É responsável por investigações especiais na Repórter Brasil, onde coordenou o núcleo de jornalismo entre 2015 e 2019. Foi repórter especial da Agência Pública e repórter da revista Época. Já colaborou para diversos veículos, como The Guardian e El Mundo. Dirigiu o documentário “Slaves To Fashion”, da Al Jazeera, e assina produção executiva e roteiro do documentário “Jaci – Sete Pecados de Uma Obra Amazônica”, vencedor do prêmio Gabriel García Márquez de Jornalismo.



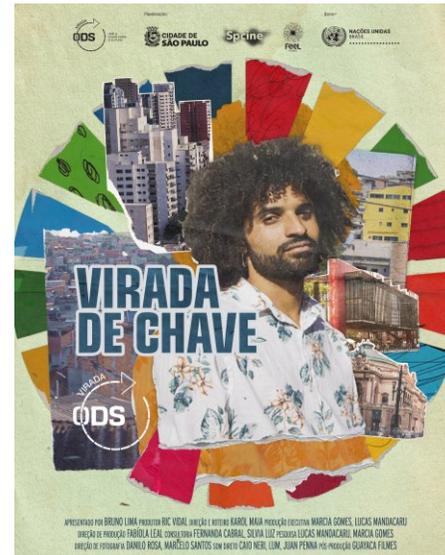
**Sergio Gomes** é jornalista formado pela ECA/USP, onde lecionou entre 1986 e 1992. Trabalhou na Folha de S.Paulo e Folhetim na década de 1970. Foi um dos fundadores da OBORÉ, em 1978. Conceu e dirige, desde 1994, o Projeto Repórter do Futuro – cursos e atividades de complementação universitária para estudantes de jornalismo que querem ser repórteres.



## FILMOGRAFIA INDICADA PARA ESTE ENCONTRO



**Relatos de um correspondente de guerra na Amazônia.** *Direção:* Ana Aranha e Daniel Carmargo (2023, documentário, 68 min). *Sinopse:* Após completar 1 ano das mortes do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira, assassinados em uma emboscada quando navegavam no rio Itacoáí, no Vale do Javari, Amazonas, mais de 50 jornalistas de 10 países uniram esforços para continuar o trabalho dos dois: investigar quem eram os responsáveis por queimadas nas florestas e empresas que burlavam a lei para engordar bois em áreas proibidas.



**Virada de Chave.** *Direção:* Karol Maia (2023, documentário, 43 min.). *Sinopse:* Jovem da periferia de São Paulo conhece iniciativas públicas e privadas da cidade que estão alinhadas aos objetivos de desenvolvimento sustentável da ONU, os ODS.

## COMO FOI O ENCONTRO

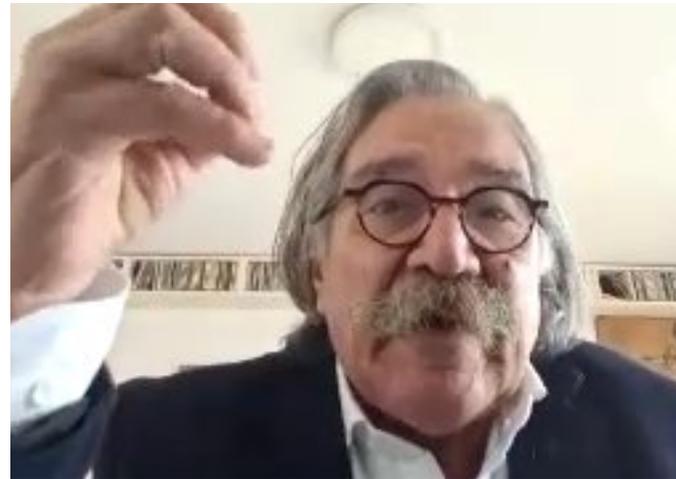
### **A apuração é central no jornalismo, garantem Ana Aranha e Sergio Gomes**

Aula inaugural da terceira edição do curso Cinema e Jornalismo - Luzes sobre São Paulo contou com a presença da repórter e documentarista Ana Aranha, da Repórter Brasil. O encontro aconteceu no último sábado, 14, e reuniu cerca de 80 participantes de todo Brasil.

Para além da apuração de fatos, dados e informações, “no Brasil de hoje a gente precisa se preparar para ir aos lugares, aprender e respeitar os protocolos das comunidades e dos lugares em que vamos”, alerta Ana Aranha, coordenadora de projetos especiais da Repórter Brasil.

Ana, que tem 15 prêmios de jornalismo na carreira, foi a convidada do primeiro encontro do módulo do Projeto Repórter do Futuro e compartilhou suas experiências no jornalismo com os estudantes. O encontro aconteceu de forma remota e contou com a presença de 80 participantes, todos estimulados à audição prévia do seu mais recente trabalho: o documentário ‘Relatos de um correspondente de guerra na Amazônia’ (2023), produzido em parceria com Daniel Camargos, também da equipe da Repórter Brasil.

Sergio Gomes, diretor da OBORÉ e coordenador geral do Projeto Repórter do Futuro, abriu o encontro enfatizando a importância e a necessidade de uma boa apuração na profissão: “O repórter só vai a campo sabendo do que se trata. Ele tem que ter o quadro de referência. Se você não souber antes, não tem como fazer a cobertura”.



Para os jornalistas, munir-se de informações antes da cobertura de um evento é o ponto de partida para que se entenda o contexto e conheça as pessoas, independente da cobertura — seja ela de uma entrevista individual, uma coletiva de imprensa, um acontecimento ou uma manifestação de rua, por exemplo.

“Só se faz jornalismo profissional assim, com apuração. Além do mais, isso garante qualidade no trabalho que você vai fazer”, complementa Sergio, reafirmando que a apuração serve tanto para o exercício da função de repórter (informando-se para construir perguntas e entrevistas mais assertivas) quanto para o resultado final do trabalho feito (produzindo notícias com informações de qualidade).

Ainda durante o encontro, Ana Aranha compartilhou com os estudantes experiências valiosas que a fizeram, e ainda a fazem, experimentar novos formatos na profissão. “Quando migrei da revista para a cobertura online, vi que meus textos eram longos para internet. O produto final não é aquilo que a gente gosta, é aqui-



lo que as pessoas leem, o que impacta no final. Eu gostava muito dos meus textos, mas as pessoas não liam. E a comunicação é isso, quando se tem o leitor”, garante.

Ana, que já trabalha com plataformas multimídias, afirma que há um grande potencial de comunicação em diferentes formatos e meios, bem como nos documentários, e que o jornalismo impresso limita muito a forma como as informações são apresentadas. “Os documentários e filmes brincam com os formatos. No jornalismo impresso não tem isso, eles formatam muito. E a internet é um lugar em que conseguimos experimentar. Posso comunicar a minha pauta em diferentes formatos no mesmo espaço, com fotos, vídeos, textos, artes, infográficos”, acrescenta.

Neste contexto, a jornalista diz que algumas perguntas podem colaborar na função de repórter. São elas: “Como fazer com que o seu leitor, ou espectador, te acompanhe? Em qual formato é possível comunicar tudo aquilo que você cobriu na sua investigação, com o compromisso com o que você fez?”

Sobre o gênero documentário, Ana destaca que ele “propõe uma sedução ao espectador; este formato prende e a ideia é que você mergulhe e seja tomado por ele. Que ele te pegue e você não consiga sair dele.” E completa: “o documentário é uma grande riqueza a ser explorada, mas também uma grande dificuldade”. Faz parte do desafio se questionar: “Como a gente se apropria destes formatos no jornalismo? Como usar essas ferramentas do cinema com ética e responsabilidade?”.

### **Segurança e responsabilidade na profissão**

“A brutalidade da violência no Brasil é muito mais forte para as fontes do que para os jornalistas”, afirma Ana Aranha, que dirigiu, com Daniel Camargos, o videodocumentário ‘Relatos de um correspondente de guerra na Amazônia’. A obra trata da cobertura dos assassinatos do jornalista Dom Phillips e do indigenista Bruno Pereira.

“Não podemos nos colocar em uma situação de mártir. Você é responsável por fazer uma avaliação de risco em que você pode se expor e expor a sua fonte. Avalia, conversa com ela”, aponta, completando que as pessoas, às vezes, não têm a dimensão do risco em que elas estão se colocando.

“Como repórteres a nossa função é para causar um impacto positivo, se não for pra isso, não publique”, afirma a repórter, revelando que já deixou de publicar notícias em que colocaria em risco uma comunidade. “Eu não publiquei por um princípio ético, pela exposição das pessoas”.

[Clique aqui e assista](#)

## ■ SEGUNDO ENCONTRO

21 de outubro de 2023

# Maria Farkas

### SOBRE A CONVIDADA

**Maria Farkas** é formada em Cinema e Vídeo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, trabalha desde 2001 com cinema e televisão, sempre na área de direção, passando por diversas produções, tais como "Carandiru", de Hector Babenco; "Cidade Baixa" de Sérgio Machado; "Terra Vermelha" de Marco Bechis; "Hoje" de Tata Amaral e "Praia do Futuro" de Karim Aïnouz. Recentemente co-dirigiu as séries "Vizinhos" e "Três Terezas", com Luiz Villaça para o canal GNT, além de ter sido uma das diretoras da série "Que Monstro Te Mordeu?", de Cao Hamburger e Teo Poppovic, para a TV Cultura.



## FILMOGRAFIA INDICADA PARA ESTE ENCONTRO

**Causando na Rua** *Direção geral:* Tata Amaral. *Direção:* Maria Farkas e Caru Alves de Souza. (2016, documentário, 26 minutos). *Sinópsse:* Série documental de 13 episódios de 26 minutos. Cada episódio da série acompanha um grupo, duo ou coletivo que vê na rua o espaço para arte, criatividade e comunicação. Essas ações são definidas como “ativismo artístico”. Cada episódio traz uma reflexão sobre as diversas formas de ressignificação do espaço público através do registro de propostas lúdicas e socialmente responsáveis.

**Episódio 2: Expedição pela bacia do rio Saracura.** *Sinopse:* Trajetos de rios submersos. No passeio, temas como a revitalização destes rios e a abertura deles é discutida com os participantes do passeio e convidados. A ação se passa no bairro da Bela Vista, um dos mais antigos bairros da região central de São Paulo, e a origem do grupo é na Vila Indiana, zona oeste da cidade. Elenco: Coletivos - Viajou sem Passaporte, 3NÓS3, TUPINÃODÁ, Iniciativa Rios e Ruas, OPNI, Paulestinos, Galeria Gruta, Slow Food Como Como, Casadalapa, Sansacroma, Coletive Friccional, Companhia Pessoal do Faroeste, Pretas Peri, RAP Guarani Mbya.



## COMO FOI O ENCONTRO

### **“Imparcialidade não existe”, destaca Maria Farkas em encontro com estudantes do curso Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo**

Cineasta e produtora visual compartilhou experiências, aprendizados e desafios da arte cinematográfica. Curso integra as atividades do Projeto Repórter do Futuro e propõe discutir pautas da cidade a partir das lentes do cinema.

“Quando produzo ou dirijo algo, eu parto de um lugar, de uma classe social, de um gênero, de um ângulo. A gente parte de um lugar para fazer o recorte. Por isso, a imparcialidade é irreal, não existe”, afirma Maria Farkas referindo-se ao processo de escolhas na realização de obras audiovisuais.

Ela, que é cineasta e trabalha desde 2001 com cinema e televisão, ressalta a necessidade de um olhar crítico de todas as pessoas envolvidas no processo de produção, pois, segundo ela, “tudo que a gente decide reverbera no projeto pronto, e isto, no final, comunica e impacta nas pessoas”.

“Todas as decisões que tomamos têm impacto na criação do discurso do que a gente faz. Na ficção, isso está muito ligado aos gêneros e não temos muito como fugir. Tem caminhos prontos”, afirma Farkas referindo-se aos padrões impostos pelos próprios gêneros cinematográficos, haja vista a expectativa dos espectadores ao escolherem determinada obra para assistir.



“No documentário, o buraco é mais embaixo. A gente sabe que ninguém se desnuda completamente frente à câmera, mas a pessoa está se colocando em primeiro plano. Então, quando a gente toma decisões acerca da pessoa real é muito mais difícil do ponto de vista ético”, complementa Maria, referindo-se ainda ao processo de escolha e edição nas produções documentais.

Para ela, o cuidado ao produzir documentário é maior que o da obra de ficção, pois aquele faz um recorte da realidade e as escolhas podem impactar não apenas os entrevistados, fontes e personagens que participam, mas também as pessoas que assistem.

“Na ficção, como fica a responsabilização pela criação de discursos? Não acho que todas as pessoas que fazem ficção tenham esta



preocupação. Acho que hoje em dia já tem uma geração mais consciente politicamente. Enquanto diretora, mesmo dentro da ficção, eu tento fazer diferente, tento tomar um cuidado maior com a criação do imaginário”, completa Maria.

### **Bons caminhos**

E para quem está começando, Maria dá algumas dicas importantes, tais como:

*Objetividade narrativa.* “É muito duro, é muito difícil fazer cortes, tanto nas falas, quanto de personagens, de fontes. Para isso, é necessário pensar: qual história que a gente está contando?”.

*Tempo.* “É importante saber o tempo final e o tempo para editar. Se você sabe para onde vai o seu produto final, fica mais fácil de tomar as decisões. Se tiver mais conteúdo do que a capacidade e o tempo, seu sofrimento aumenta”.

*Funções definidas.* “Qualquer processo audiovisual é muito hierarquizado e as pessoas têm funções bem claras e definidas”.

*Entrevistas.* “Ao entrevistar alguém para um documentário ou TV, eu busco criar uma ambientação, um lugar de acolhimento. Chego antes, converso. Só depois a câmera é ligada”.

*Ética e responsabilidade.* “No Causando na Rua, a gente tinha como premissa que cada episódio seria um tema que se passava no espaço público. A ideia era ter sempre dois protagonistas, isto pensando em estimular um debate. Um dos episódios pensados foi sobre cotas raciais. Seguimos com as duas linhas na pesquisa, contra e a favor. Até que determinado momento paramos e nos questionamos: a gente vai dar palco pra maluco, para estas pessoas que são contra as cotas? Então demos um passo para trás porque chamar estas pessoas [contrárias às cotas] seria desqualificar o debate”.

[Clique aqui e assista](#)

## ■ TERCEIRO ENCONTRO

28 de outubro de 2023

# Gabriel César

### SOBRE O CONVIDADO

**Gabriel César** é cineasta. Ele já atuou em diversas áreas dentro do cinema, mas sempre manteve seu olhar para a montagem. De 2015 a 2017, ele montou a primeira e segunda temporada da série MINIDocs - Do Palco Para o Mundo, produzido pela ZOE Films e licenciado para TV Cultura, Amazon Prime Video e Canal Arte1. Em 2020 ele assume a frente como criador, diretor e editor do seu documentário, Cidade São Mateus, um filme que retrata a importância da música em um dos bairros mais perigosos do Estado de São Paulo. Após o breve sucesso em festivais com seu primeiro curta, em meados de 2021, Gabriel é convidado a montar seu primeiro longa metragem para a Rede Globo, Mães do Brasil, em parceria com a Favela Filmes e KondZilla.



## FILMOGRAFIA INDICADA PARA ESTE ENCONTRO



**Cidade São Mateus.** *Direção:* Gabriel César (2019, documentário, 26 min). *Sinopse:* A produção retrata o distrito da zona leste de São Paulo por meio da história dos músicos Yvison Pessoa, Rodrigo Campos e Mister Grande-E. A ligação de Gabriel com a música local começou cedo. Morador do bairro Cidade São Mateus, ele frequentava as batalhas de rap e apresentações musicais na região. Com gosto pelo audiovisual, comprou uma câmera fotográfica aos 15 anos de idade e, a partir daí, começou a registrar a cena artística do distrito.



**Cidade Improvisada.** *Direção:* Alice Riff (2013, documentário, 19 min). *Sinopse:* Cidade Improvisada reúne 16 mc's brasileiros que fazem improvisação de rap (freestyle) para rimar sobre a cidade que vivem, seus problemas e questões. Nas batalhas de mc's, um mc batalha contra o outro, para mostrar quem é melhor na improvisação. Nesse filme, 16 mc's se juntam para batalhar contra os problemas da cidade e expressar suas opiniões.

## COMO FOI O ENCONTRO

### Documentário retrata cena musical de São Mateus

Gabriel César, cineasta e diretor da obra audiovisual, conversa com estudantes da terceira edição do módulo Cinema e Jornalismo sobre os desafios da carreira.

Cidade São Mateus é um documentário que retrata a importância da música neste bairro da zona leste da cidade. “Minha intenção era retratar o bairro em que vivi com um olhar afetivo, mostrando que nem tudo por lá é violência”, afirma Gabriel César, cineasta e diretor da obra audiovisual.

Durante encontro da 3ª edição do curso Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo, o jovem cineasta de 25 anos compartilhou com estudantes e recém-formados em comunicação como foi idealizar e dirigir o videodocumentário Cidade São Mateus.

Gabriel frequentava batalhas de rap e cenas musicais na região desde cedo, prestigiando e colaborando na organização dos eventos. Além disso, já tinha inclinação para produções audiovisuais. Então, aos 15 anos, comprou sua primeira câmera fotográfica e iniciou os registros no território.

Para Gabriel, retratar São Mateus por meio de suas lentes sensíveis sempre foi uma projeção pessoal: “era algo que eu realmente queria, acreditava que seria importante sair de São Mateus só depois que conseguisse mostrar aos outros o que eu vivia”.



Hoje Gabriel vive na Bahia, mas insiste em dizer que vive como a mensagem que quis passar no documentário: “por mais que você ande pelo mundo, o bairro nunca sai de você”.

São Mateus tem uma população de aproximadamente 220 mil habitantes e nem sempre é vista como uma região segura e tranquila. “Querida mostrar a beleza de São Mateus e não falar de tristeza ou de morte, queria mostrar a música, porque ela traz as coisas boas que podem ser mostradas de lá, as coisas ruins já estão no noticiário”, aponta Gabriel.

O documentário foi contemplado pelo edital Memórias de São Paulo que objetiva contar uma memória, um acontecimento ou uma curiosidade sobre algum bairro da cidade de São Paulo. E uma das premissas é que os envolvidos com o projeto residam no local.



Com o apoio financeiro garantido, Gabriel passou a refletir em como retratar a música em São Mateus dentro de um recorte possível de tempo, investimento e espaço. “Quis mostrar quem foram as pessoas responsáveis, os primeiros a construírem a cena musical de São Mateus nos anos 80 e 90, e que refletiu no território, que foi tão forte que mudou até a autoestima do bairro”.

“Hoje você vai pesquisar São Mateus e aparecem informações sobre violência e questões de segurança e tal, mas também aparecem informações sobre música, cultura e as riquezas que tem”, afirma Gabriel que compartilha experiências exitosas com o lançamento do documentário e o impacto que teve na população.

Sobre o roteiro, ele diz que tentou mostrar o passado, o presente e o futuro. “O passado sempre parte de uma roda de samba nas quebradas, nos subúrbios. É o primeiro a reunir a galera em prol de lutas coletivas e do crescimento do bairro. Depois disso tem o rap e as diferentes formas de manifestação... e também tem a nova geração que está se constituindo”.

[Clique aqui e assista](#)

## ■ QUARTO ENCONTRO

11 de novembro de 2023

# Mariana Gabriel e Daise Alves dos Reis Gabriel

### AS CONVIDADAS

**Mariana Gabriel** é cineasta, jornalista e palhaça. Diretora do curta-metragem *Iara do Paraitinga*, dos documentários “Circo Paraki” (co-direção com Priscila Jácomo e Eduardo Rascov), “Mar Português” (gravado em Lisboa, exibido na ESPN Brasil), da série documental “Guarany, Histórias do circo dos Pretos” e mais recentemente de 5 episódios da série “Vida por Esporte” em co-produção com o SESC TV. Em 2017, realizou com seus pais jornalistas o projeto “Os Caminhos do Negro João Alves por esse país de Meu Deus” contemplado pelo Itaú Rumos 2017/18 – pesquisa que vai virar livro e documentário. Trabalhou como jornalista e produtora na ESPN Brasil (2007/2015), no “Manos e Minas” da TV Cultura (2009/2011) e “Estação Livre”(2022). De maio de 2022 a outubro de 2023, trabalhou como produtora de conteúdo audiovisual para as redes sociais do Nubank. Atualmente retoma a história da sua família do Grande Circo Theatro Guarany.

**Daise Alves dos Reis Gabriel** é jornalista e diplomada em letras pela USP, com Licenciatura em Armênio, Língua Portuguesa, Chinês, Grego e Latim. Trabalhou por 20 anos como repórter, redatora e editora em jornais como *Diário Popular*, *Folha de São Paulo*, nas revistas *Afinal* (seção *Mulher*), *Tênis Ilustrado*, *Match Point*,

*Cláudia e Querida*. É realizadora dos projetos “Xamego, a primeira palhaça negra do Brasil”, pesquisa sobre sua mãe Maria Eliza Alves dos Reis, “Os Caminhos do negro João Alves” e “Guarany, Histórias do Circo dos Pretos” ao lado de sua filha e marido.



## FILMOGRAFIA INDICADA PARA ESTE ENCONTRO



**Guarany: Histórias do Circo dos Pretos.** *Direção:* Mariana Gabriel (Brasil, 2022, documentário, 76 min). *Sinopse:* Documentário conta a trajetória de um circo-teatro entre os anos 1948 e 1958: São espetáculos de luta, resistência, alegria e artes circenses, tudo sob o comando da atriz Maria Eliza, o palhaço Xamego, sua família e sua plateia.



**Orquestra invisível Let's Dance.** *Direção:* Alice Riff (2016, Documentário, 20 min). *Sinopse:* A história de seu Osvaldo, o primeiro DJ do Brasil.

## COMO FOI O ENCONTRO

# Pesquisa é a base de todo trabalho documental, garante cineasta Mariana Gabriel

Diretora e pesquisadora da série ‘Guarany: Histórias do Circo dos Pretos’ compartilham com estudantes do Projeto Repórter do Futuro como é produzir um documentário que também é um álbum de família.

A memória não está só nos arquivos e registros, está também na oralidade, aponta a cineasta Mariana Gabriel ao ser questionada sobre fontes de informação, durante o quarto encontro do módulo Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo, no sábado, 11/11.

Mariana participou do evento acompanhada da jornalista Daise Alves dos Reis Gabriel. Daise é mãe de Mariana, filha da palhaço Xamego, vivida pela atriz Maria Eliza Alves dos Reis, a primeira palhaça negra no Brasil.

Daise é pesquisadora e uma das protagonistas, juntamente com Maria Eliza, da obra audiovisual ‘Guarany: Histórias do circo dos Pretos’, que faz parte de uma trilogia que contempla parte da história de sua família e da própria história do circo no Brasil.

Acompanhado das obras ‘Minha avó era palhaço’ e ‘Os Caminhos do Negro João Alves por esse país de Meu Deus’, o documentário conta a trajetória de um circo-teatro entre os anos 1948 e 1958, fundado pouco após a abolição por João Alves da Silva, homem negro e filho de mãe escravizada. Nele são narrados espetáculos

de luta, resistência, alegria e artes circenses, tudo sob o comando da atriz Maria Eliza, Xamego, sua família e sua plateia.

Mariana destaca também que a pesquisa é parte fundamental e central do projeto de resgate e registro de todos os trabalhos que já realizou. “Não podemos apenas nos basear em livros e registros históricos, porque, por exemplo, as pesquisas indicam que o primeiro palhaço feminino no Brasil foi apenas a partir de 80. E minha avó já era palhaço em 1940”.

“A gente não teve as respostas para todas as perguntas que procuramos, mas tivemos outras tantas respostas e caminhos que não esperávamos encontrar”, sinaliza Mariana ao acrescentar que “para mim esta falta de controle de não saber o que vamos encontrar quando estamos buscando é entusiasmante”.





“A história é esférica, não é bidimensional. Naquele momento, o circo rodava na periferia da cidade, que é uma outra cidade”, destaca Mariana ao referir-se a uma cultura viva e sempre surpreendente: “A cidade é viva, é um organismo”.

Daise aponta que a pesquisa serve para acrescentar e ambientar tudo o que é descoberto, contextualizando e trazendo outros recortes da história. “Encontrar registros que confirmam uma história é muito bonito. O quanto uma história puxa outras histórias, o quanto das nossas histórias de vida são histórias da nossa sociedade também”.

### Outras narrativas

“Quando ela mostrou que era mulher, foi um ato político dela”, afirma Mariana ao lembrar da revelação de sua avó, Maria Eliza, ainda em uma época em que havia apenas palhaços homens e mesmo ela se identificava como tal. E ainda “ela [Xamego] levava sempre um camélia na lapela, um símbolo da luta abolicionista. Era um símbolo de resistência e luta”.

Mariana complementa que o circo sempre foi visto como uma arte menor, comparada ao teatro e ao cinema. “Ao pesquisar, descobrimos que foi dele que surgiram outras expressões e muitos dos artistas reconhecidos nestes outros espaços. À exemplo, os palhaços cantores, em sua maioria negros, foram os primeiros a gravarem discos no Brasil. A gente vai se dando conta do quanto a gente não sabe da nossa história”, compartilha ao declarar as surpresas do apagamento histórico que as pesquisas revelaram.

### Para saber mais

Blog da Xamego ([clique aqui](#)) | [Confira aqui](#) parte do álbum de família e alguns registros encontrados nas pesquisas

[Clique aqui e assista – parte 1](#)

[Clique aqui e assista – parte 2](#)

## ■ QUINTO ENCONTRO

25 de novembro de 2023

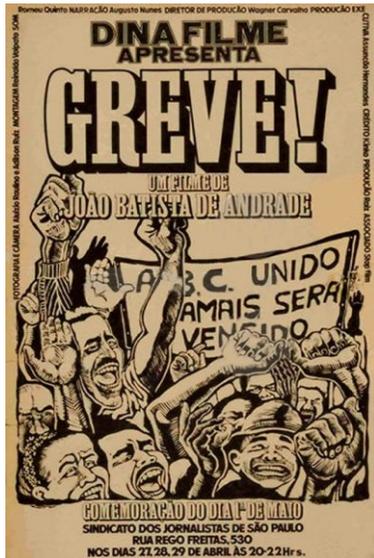
# João Batista de Andrade

### SOBRE O CONVIDADO

**João Batista de Andrade** é escritor, roteirista e cineasta. Iniciou no cinema ainda estudante (de engenharia na Escola Politécnica da USP) em 1963, curso que teve que abandonar em 1964 por causa do golpe militar. Seu primeiro filme, o doc "Liberdade de Imprensa" (1967) traz suas marcas, como "cinema de intervenção" e foi apreendido pelo Exército no Congresso da UNE (1968). Foi secretário da Cultura do Estado de São Paulo e presidente do Memorial da América Latina. Doutor em Comunicação pela Universidade de São Paulo, nasceu em Ituiutaba (MG) e iniciou sua carreira como cineasta em 1963. Tem inúmeros filmes premiados nacional e internacionalmente, como "Doramundo" (1978), "O homem que virou suco" (1981), "O país dos Tenentes" (1987), "O tronco" (1998), "Vlado, trinta anos depois" (2005). E séries para TV, como a atual "100 anos Cultura Conflitos (SescTV/2023).



## FILMOGRAFIA INDICADA PARA ESTE ENCONTRO



**Greve!** *Direção:* João Batista de Andrade (Brasil, 1979, Documentário, 37 min). *Sinopse:* O documentário registra as greves de 1979 no ABC Paulista por melhores salários e condições de trabalho. À época líder grevista, Luiz Inácio Lula da Silva comanda a maior das paralisações. Os sindicatos, no entanto, sofrem intervenção federal, e a repressão culmina em episódios trágicos.



**Pixote: a lei do mais fraco.** *Direção:* Héctor Babenco (Brasil, 1981, Ficção, 129 min). *Sinopse:* Dito, Lilica, Chico e Pixote - este de apenas dez anos - vivem a dura realidade do menor carente num reformatório em São Paulo, junto a outros garotos abandonados como eles, sendo que alguns já com passado criminal. Revoltados com a violência e as injustiças dos administradores da instituição, os quatro resolvem fugir. Lá fora, conhecem um traficante que os utiliza como portadores de drogas para o Rio de Janeiro, para onde vão clandestinamente num trem de carga. Inexperientes, são trapaceados; Chico morre e Pixote comete seu primeiro assassinato. Sem a droga e sem dinheiro, eles voltam para São Paulo.

## COMO FOI O ENCONTRO

### **“Se sempre haverá alguma intervenção no ato de fazer documentário, que seja lúcida”, afirma João Batista de Andrade**

Estudantes do Projeto Repórter do Futuro entrevistaram o cineasta no encontro de encerramento do 3º módulo Cinema e Jornalismo. A atividade é realizada pela OBORÉ e o Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais (IPFD), com apoio da Secretaria Municipal da Cultura.

O último encontro do módulo Cinema e Jornalismo: Luzes sobre São Paulo - 3ª edição foi marcado pela presença do cineasta João Batista de Andrade. Os estudantes foram convidados à audição prévia da sua obra *Greve!* (1979, Documentário, 37 min).

O trabalho do cineasta mineiro de 84 anos sempre esteve, e está, marcado pelo debate político, mostrando, muitas vezes, o que a televisão não queria mostrar. *Greve!* foi realizado em 1979, em meio ao movimento grevista no ABC paulista. O documentário não só mostrou o contexto político e social da época, mas registrou a ação dos trabalhadores em meio à famosa manifestação que decidiu pela volta ao trabalho após 45 dias de greve na região do ABC paulista, centro dinâmico do movimento operário no Brasil.

“Minha obra, independente de ser ficção ou documentário, sempre está muito ligada ao momento e ao contexto em que está sendo realizada. Eu tenho uma ligação com a política tão grande quanto tenho com a arte e o cinema. Então, uma coisa se relaciona com a outra, ao ponto de eu dizer que cada filme meu é um filme sobre um determinado momento político”, afirma Andrade.

### **O Povo Fala**

João Batista foi um dos precursores e defensores da estética que intitulamos “O Povo Fala”. Crítico ao modelo e uso atual deste tipo de ação, ele garante que há distorções e uma releitura desrespeitosa em comparação ao que era em meados da sua carreira: “Era diferente no meu cinema, nós encontrávamos formas das pessoas se expressarem criticamente. Hoje em dia, usam para manipular as pessoas, muitas vezes de maneira ridicularizante”.

A técnica que, segundo ele, consiste em abrir o microfone e dar voz e espaço às pessoas para que se expressem de maneira autônoma e crítica, hoje é usada como mecanismo de inserção de pessoas em obras, jornalísticas ou não, como ilustradores de ações e editoriais já pensados pelos editores e diretores.

### **Cinema de intervenção**

“Na época, eu fazia um novo cinema, que é até polêmico, porque Jean-Claude Bernardet [teórico de cinema, crítico cinematográfico]





co, cineasta e escritor brasileiro] disse que eu dei o nome, mas eu acho que foi ele. Enfim, ficou marcado como Cinema de Intervenção”, lembra Andrade, caracterizando o termo como um cinema “que consiste em achar que a realidade esconde, que há uma névoa sobre a realidade, que filmar, simplesmente assim, você não revela nada. E que o cineasta tem que ter alguma intervenção e, no meu caso, uma intervenção lúcida na realidade”.

Seu trabalho que inaugurou e refletiu sobre este tipo de cinema é o documentário *Liberdade de Imprensa* (1967). Para João Batista, não é possível ser isento quando se produz um documentário,

uma obra cinematográfica ou jornalística. “Sempre há uma intervenção, mesmo que mínima. A presença do diretor ou da câmera já é uma intervenção”.

Cinema de Intervenção pode ser entendido como um cinema do real, que se caracteriza pela intervenção, social ou política, num determinado contexto histórico. Como no Cinema Militante, ele se caracteriza por uma preocupação em se fazer sentir mais como forma de intervenção social ou política do que como forma de expressão artística, o que em geral confere aos filmes assim designados mais uma validade histórica do que estética.

“O meu cinema está marcado politicamente. Precisamos tirar a névoa da realidade e cada um tem que fazer à sua moda. Hoje, o jornalismo está muito vazio por conta dos detentores do capital e das grandes empresas de comunicação. Sinto muita falta dos cineclubes e dos jornaizinhos de estudantes, de bairro, etc. Hoje tudo ficou nas mãos de uma imprensa preparada, altamente tecnológica e dominante e que não tem compromisso nenhum com essa revelação do que é a sociedade real”, finaliza.

[Clique aqui e assista](#)

The background is a vibrant teal color. On the left side, there are several vertical light rays of varying widths, creating a sense of depth and focus. Scattered throughout the background are numerous small, white, five-pointed stars of different sizes, some appearing as simple dots and others as more detailed star shapes. The overall aesthetic is clean, modern, and celestial.

★ PARTE 2

# Dá-lhe um zoom!

SOBRE AS PRODUÇÕES

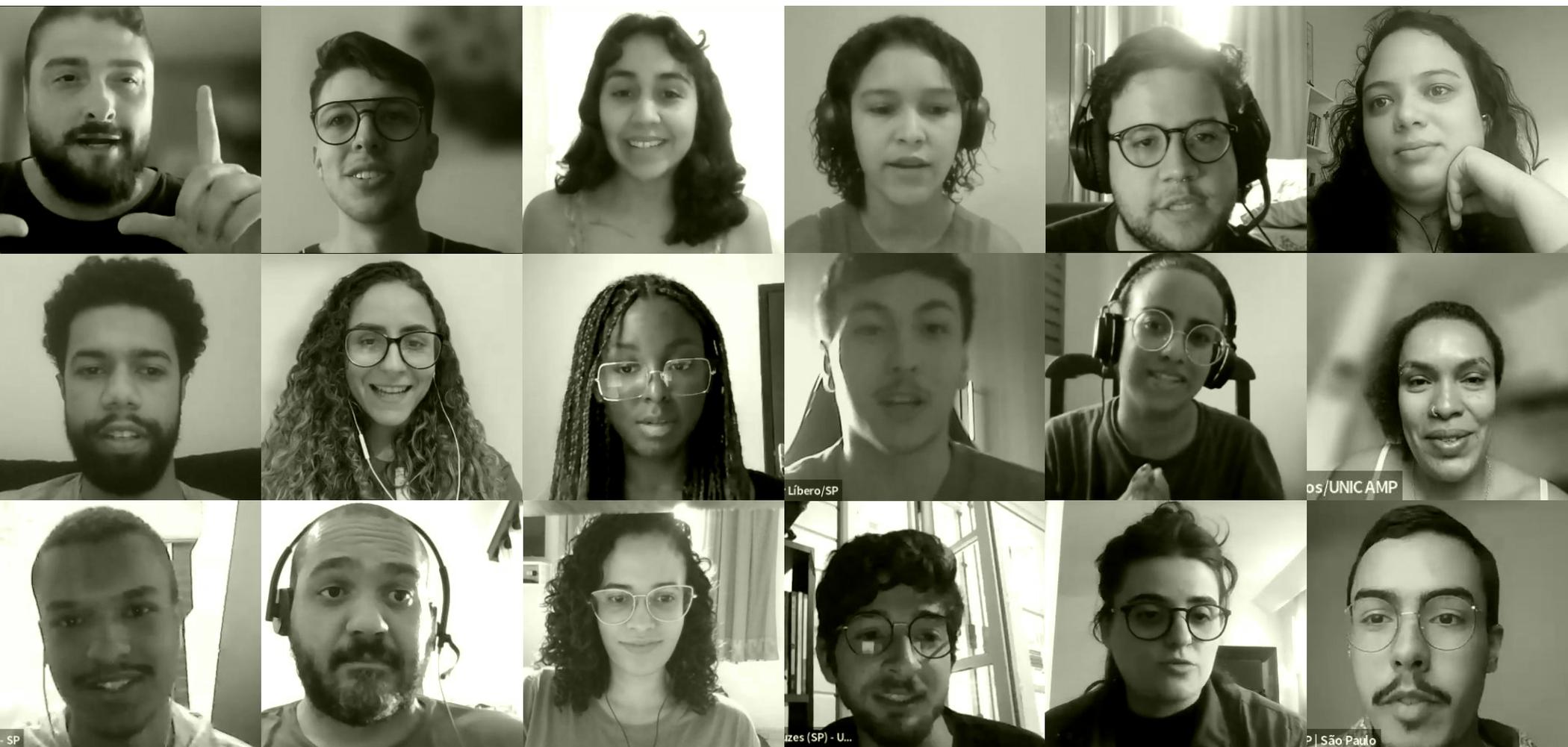
# Dá-lhe um zoom!

Sobre as produções

**T**eoria e prática andam juntos. Por isso, 'pôr a mão na massa' é fator determinante por aqui. Após a série de encontros precedidos da audição dos filmes, palestras e coletivas de imprensa, os estudantes foram divididos em grupos e passaram a produzir peças audiovisuais sobre a cidade de São Paulo.

Confira o resultado!





# Mooca: Lugar em que se faz casa

O documentário investiga o peculiar bairro da Mooca, situado na Zona Leste da cidade de São Paulo, abordando o aspecto tradicional do território em contraste com o atual processo de gentrificação e a transformação imobiliária que a região tem passado nos últimos anos.

O bairro que teve seu início com empreendimentos industriais, construído em sua máxima por imigrantes italianos, torna-se nos dias atuais um importante objeto de estudo considerando-se as suas transformações no âmbito social.

A obra audiovisual se divide em duas partes, explorando os processos de alterações sociais decorrentes do desenvolvimento do bairro, contadas por quem enfrenta na rotina o processo da especulação imobiliária. Na primeira, por meio da fala de especialistas de diferentes áreas como: arquitetos, geógrafo e um representante da subprefeitura do bairro da Mooca, que apresentaram o processo de gentrificação e suas princi-





pais consequências em áreas urbanas, como a expulsão de moradores antigos e aumento no custo de vida na região.

Na segunda parte, que conta com depoimentos de moradores antigos e frequentadores do bairro, o documentário explora a tradição que persiste na Mooca, representada principalmente pelo orgulho dos moradores, herança dos imigrantes italianos e do futebol de bairro do time Juventus.

Atualmente, a Mooca acomoda grandes empreendimentos e residências antigas, bem como diferentes perfis de moradores. Tendo em vista



o aumento no número de construções residenciais de médio e alto padrão, o bairro histórico da capital paulista ganha novos contornos, norteadando a investigação que resulta no documentário construído.

A partir das transformações imobiliárias da Mooca, que também acontecem em outros territórios da cidade, o documentário traz a perspectiva dos moradores e ex-moradores acerca dos novos empreendimentos, as consequências do processo de gentrificação e as maneiras com que os chamados 'mooquenses' tentam preservar a identidade do território.

[Clique aqui e assista](#)



#### **EQUIPE:**

**PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E PRODUÇÃO:** Litália Barros Araújo, Rayanne Carla de Melo Silva, Naiara Ribeiro Santana, Júlia de Amorim Pelegrino

**REPORTAGEM:** Alessandra Santos do Nascimento, Beatriz Barboza da Silva Lima, Giovanna Aureliano Passos, Kethilyn Mieza Sobral, Rayanne Carla de Melo Silva, Maria Clara Pereira de Oliveira, Isabella Nascimento Siqueira, Ana Gabrielly Souza De Carvalho

**ROTEIRO:** Ana Gabrielly Souza De Carvalho

**IMAGEM E FOTOGRAFIA:** Kethilyn Mieza Sobral, Alessandra Santos do Nascimento, Beatriz Barboza da Silva Lima

**DIREÇÃO:** Ana Gabrielly Souza De Carvalho

**EDIÇÃO:** Ana Gabrielly Souza De Carvalho, Litália Barros Araújo

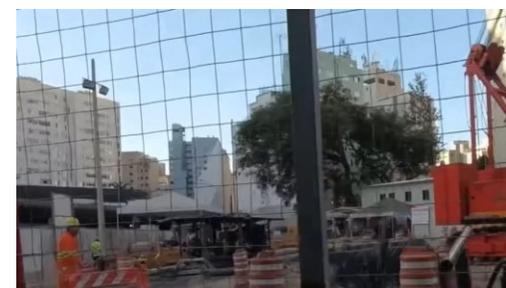
**SUPERVISÃO DA EQUIPE:** Oswaldo Colibri Vitta

# Vai-vai e as Raízes do Bixiga: Uma história Entrelaçada

**E**ste documentário mergulha na história do bairro do Bixiga, um dos mais emblemáticos de São Paulo, para explorar suas ricas raízes culturais e o legado vibrante da Escola de Samba Vai-Vai. Com uma narrativa, com enfoque no Fernandinho Penteado, e imagens envolventes, o filme nos transporta para um dos corações desta comunidade, revelando a influência significativa do carnaval e da Vai-Vai na vida do bairro.

Por meio de entrevistas e imagens de arquivo, somos apresentados a Fernandinho Penteado, neto de um dos fundadores da Vai-Vai, que compartilha histórias tocantes sobre a importância da escola de samba em sua vida e na história do Bixiga. Suas palavras nos levam a uma jornada íntima pelas tradições, ritmos e rituais que dão vida a esta comunidade única.





O documentário não apenas destaca a vitalidade e a paixão, de algumas tradições para os moradores do Bixiga, mas também lança luz sobre a Vai-Vai como um símbolo de resistência e celebração. Ao longo das cenas e dos relatos, somos lembrados do poder transformador da música, da cultura e da comunidade em nossas vidas.





Com uma mistura hábil de nostalgia, história e esperança para o futuro, “Bixiga: Raízes Culturais e o Legado da Vai-Vai” é muito mais do que um simples documentário – é uma homenagem emocionante à alma vibrante de São Paulo e às pessoas que tornam o Bixiga um lugar verdadeiramente especial. Ao assistir a este documentário, somos convidados a mergulhar na riqueza e na diversidade desta comunidade única e a celebrar sua herança cultural duradoura.

[Clique aqui e assista](#)

# VAI – VAI E AS RAÍZES DO BIXIGA

★ **UMA HISTÓRIA ENTRELAÇADA**

## **EQUIPE:**

**PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E PRODUÇÃO:** Thayná Tosta, Cendy Domingues,  
Luiz Guilherme Lima

**REPORTAGEM:** Uesley Durães

**ROTEIRO:** Cendy Domingues

**IMAGEM E FOTOGRAFIA:** Thayná Tosta, Uesley Durães

**DIREÇÃO:** Cendy Domingues

**EDIÇÃO:** Cendy Domingues, Luiz Guilherme Lima

**SUPERVISÃO DA EQUIPE:** Ana Luisa Gomes

# Ruth Escobar: teatro, memória e resistência

**I**naugurado em 1963, o Teatro Ruth Escobar foi idealizado pela homônima atriz e produtora Ruth Escobar e se tornou um espaço de referência da cidade de São Paulo.

Dentro do característico prédio de vidro e pilares vermelhos no Bixiga, centro da capital, foram encenadas algumas das mais importantes peças teatrais brasileiras, como *Roda Viva*, de Chico Buarque, e a *Feira Paulista de Opinião*. Depredado e censurado nos anos da ditadura, o Teatro Ruth Escobar continuou enfrentando e resistindo às dificuldades impostas pela cena cultural brasileira. É dentro desse cenário que o documentário mostra, através de um resgate sobre a história do teatro Ruth Escobar, o papel da preservação da memória e da arte para a cultura de São Paulo. Vendido para Associação dos Produtores de Espetáculos Teatrais de São Paulo (APETESP) em 1997, o teatro ainda passou por dificuldades financeiras na pandemia.





Os desafios atuais para a concepção do teatro enquanto atividade de lazer e as contribuições da arte teatral enquanto ferramenta política, são trazidas na produção como forma de reafirmação da importância do papel dos teatros de grupo.

No documentário 'Ruth Escobar: teatro, memória e resistência', as histórias do passado e as percepções do presente se encontram para contar a importância do espaço, marco da conjuntura política, social e histórica do Brasil.





No curta, ainda, a trajetória e a figura de Ruth Escobar são, além dos registros de um tempo marcado pelo autoritarismo, temas tratados pelos personagens do documentário que trazem questionamentos a respeito dos desafios para a sobrevivência da cena teatral e artística.

[Clique aqui e assista](#)



#### **EQUIPE:**

**PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO:** Laysa Vitória, Carolina Rocha, Cadu Guarieiro, Juliana Neris

**PRODUÇÃO, REPORTAGEM E IMAGEM:** Felipe Velames, Thaís Helena Moraes, Gabriel Eid, Luana Machado, Isabella Marin, Ester Caetano, Gabriela Varão, Roberta Costa

**ROTEIRO E EDIÇÃO:** Aldrey Olegario

**SUPERVISÃO DA EQUIPE:** Luana Copini

# Mulheres do Jaraguá

O Território, localizado na zona norte de São Paulo, reúne pelo menos seis Tekoas que constituem a menor Terra Indígena demarcada no Brasil. É nesse lugar que, em 1980, a primeira cacique mulher do país, Cacica Jandira, iniciou o processo de reconhecimento do território.

Seu legado permanece. Ara Poty vive há 43 anos em São Paulo (SP), sendo 15 anos de cacicado no Tekoa Itawera, uma das aldeias do Jaraguá.

A cacique fala neste documentário sobre as mudanças que observa desde a sua juventude. No passado, a aldeia onde vivia não falava português. Além disso, havia também a percepção de que somente os homens tinham papel de liderança, até então os únicos guerreiros.

Entender-se como liderança mulher é um direito conquistado a partir dessa consciência. Por outro lado, o cacicado apresenta grande responsabilidade





de e até sobrecarga, quando somado às outras funções exercidas historicamente pelas mulheres. Jaxuka Poty, liderança indígena, fala como assumiu esse papel naturalmente após ser mãe.

A partir daí, entendeu a necessidade de lutar pelo futuro não só dos seus filhos, mas de toda a comunidade e povo indígena. Jaxuka também retoma a questão da língua. Os indígenas equilibram concessões, como aprender o português e mudar costumes, para tornar possível a conquista de direitos, enquanto preservam sua própria cultura.



O que muitas vezes é visto com desconfiança pelos não indígenas, relata Poty. A professora Márcia, neta da cacica Jandira, também fala sobre o preconceito enfrentado pelas mulheres indígenas. Yvapotyju — seu nome em guarani — conta como foi influenciada pela avó para seguir carreira na educação.

A professora lembra ainda o quanto as mulheres indígenas são batalhadoras e desempenham diferentes funções, atuando no artesanato, no cuidado com a casa etc. Outra entrevistada neste documentário, a liderança e artista Tami-kuã Txihí, só confirma a pluralidade da mulher indígena.

A artista preserva e difunde saberes ancestrais por meio de sua arte. Para a cacique Ara Poty, sua comunidade não conta história, conta o que vive: fala de convivência.

[Clique aqui e assista](#)



#### **EQUIPE:**

**PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO:** Ana Carolina Rossini Augusto, Ana Luiza Cruz Muniz, Isadora Maria Camello, Vanessa Centeno Ferreira

**PRODUÇÃO:** Alexandra de Araujo

**ROTEIRO:** Bruna Viana de Carvalho, Gabriel Arouca Leão, Kassiane Ribeiro

**DECUPAGEM:** Felipe Kosuta de Azambuja, Gabriela Santos Pereira

**IMAGEM E FOTOGRAFIA:** Beatriz Yamamoto, Bruna Viana de Carvalho, Geraldo de Melo Campos, Maria Elisa Tauil Silva

**DIREÇÃO:** Geraldo de Melo Campos

**EDIÇÃO:** Fagner Ramos, Jessica Cristina Alves

**SUPERVISÃO DA EQUIPE:** Oswaldo Luiz Colibri Vitta

**AGRADECIMENTOS:** Marilu Cabañas, David Karai Popygua, Mauricio da Silva Biguai Poty, Coral Amba Wera

# O verde no cinza

A cidade de São Paulo é o maior polo econômico do Brasil, conhecida por sua estética acinzentada que é um reflexo de seus grandes arranha-céus comerciais.

O documentário Verde no Cinza é um projeto dos alunos do curso Cinema e Jornalismo: luzes sobre São Paulo promovido pelo Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais (IPFD) em Parceria com o OBO-RÉ, no âmbito do projeto Repórter do Futuro.

A obra traz uma narrativa analítica sobre a cidade e suas áreas verdes e busca levantar reflexões acerca de como uma cidade, que atingiu um marco considerável de áreas arborizadas em 2023, – mais de 50% de seu território – não transpore nessas áreas visualmente? Onde estão as áreas verdes de São Paulo?





Ainda no documentário, é dito que as periferias são os locais que mais abrigam essas áreas, mas salienta que essa distribuição é desigual, localizando-se em pontos isolados dessas regiões.





Em contramão a esse sistema, somos apresentados ao projeto Cidade Sem Fome, uma ONG e horta urbana criada e pensada na ecologização e inclusão social de pessoas financeiramente vulneráveis. Localizada em São Mateus, zona leste da capital, o local é um contraste da vasta e acinzentada selva de pedra que é a cidade paulistana.

[Clique aqui e assista](#)

## FICHA TÉCNICA

**PESQUISA, DOCUMENTAÇÃO E PRODUÇÃO:** Fabio de Cácia, Herbet Brandão, Thiago Baba

**REPORTAGEM:** Thiago Baba, Larissa Mariano, Fabio Santiago

**ROTEIRO:** Thiago Baba, Karine Gomes

**IMAGEM E FOTOGRAFIA:** Thiago Baba, Larissa Mariano, Fabio Santiago, Karine Gomes

**NARRAÇÃO:** Karine Gomes

**EDIÇÃO:** Karine Gomes

**SUPERVISÃO DA EQUIPE:** Luana Copini

**O verde no cinza**

## NOTA FINAL

# Sobre o Projeto Repórter do Futuro

A 3ª edição do curso Cinema e Jornalismo: luzes sobre São Paulo integra a grade de módulos e atividades de complementação universitária para estudantes de graduação da área das Humanidades, em especial da Comunicação, oferecida no âmbito do Projeto Repórter do Futuro.

Criado pela OBORÉ em 1994, o Repórter do Futuro busca oferecer alternativas de autodesenvolvimento a estudantes universitários que querem aprofundar o conhecimento e a prática da reporta-

gem – a alma do jornalismo. Desde então, o projeto dedica-se a conceber e organizar atividades como cursos temáticos modulados, viagens de estudos e reportagens, ciclos de cinema, rodas de conversa com profissionais consagrados, entrevistas exclusivas e redações-laboratório.

Ao longo de quase trinta anos, a equipe coordenadora do Repórter do Futuro desenvolveu metodologia própria de prática reflexiva nos seus diversos cursos modulados, adotando como pilar di-

Um dos objetivos do Repórter do Futuro é estimular os jovens a conhecerem a cidade em sua extensão e diversidade a partir de seus bairros, especialmente os instalados nas áreas mais periféricas, de grande extensão territorial e enorme população de baixa renda – público que mais desafia os diversos programas sociais de sucessivas administrações municipais, estaduais e federais.

Reunião de Confraternização e Seleção do módulo Descobrir São Paulo, Descobrir-se Repórter, em 2015, realizado em parceria com a Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo. Foto: Renatto Sousa.



dático o que hoje é denominado Sala de Aula Invertida: pesquisa prévia sobre o tema e o palestrante, Conferências de Imprensa seguidas de Entrevistas Coletivas, produção textual e acompanhamento individual feito por professores e profissionais que integram sua Coordenação Pedagógica.

Ao final de cada atividade, os participantes são desafiados a produzir e veicular suas produções – sejam impressas, audiovisuais, multimídias ou transmídias – nos meios de comunicação tradicionais, alternativos, periféricos, acadêmicos ou laboratoriais – os que constituem o chamado mercado de trabalho, amplificado a

partir de iniciativas e projetos que cada vez mais constituem-se a partir das soluções digitais do mundo contemporâneo.

A iniciativa, que já mobilizou mais de 2.000 estudantes e jovens jornalistas em todo o país, conta com o apoio das coordenações dos principais cursos de jornalismo da cidade de São Paulo, de organizações expressivas da sociedade civil e de profissionais de ponta do jornalismo. Conta ainda com o apoio e participação de lideranças comunitárias, gestores públicos, especialistas, autoridades e personalidades do mundo político, acadêmico e cultural. O Repórter do Futuro recebeu, em 2017, o Prêmio Abraji de Contribuição ao Jornalismo!



“No nosso entender, o papel propulsor do Projeto Repórter do Futuro reside nisso: funcionar como estimulador de competências e catalisador de experiências vividas no ambiente acadêmico e no espaço cotidiano da profissão. Sua metodologia facilita a integração de saberes ancorados em matrizes que ainda hoje nutrem a prática de um Jornalismo competente, relevante, ético e útil.”

Ana Luisa Gomes e Sergio Gomes, diretores da OBORÉ, em depoimento de 2018 sobre o projeto, na Câmara Municipal de São Paulo. Foto: Ruam Oliveira.

## **SOBRE O IPFD**

# **Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão de Políticas Públicas e Sociais - IPFD**



É uma associação educativa, cultural e midiática constituída por diretores e parceiros da OBORÉ em 1991 para atuar com políticas públicas e sociais através de processos comunicativos, culturais e educativos formais, informais e não-formais; gestão, organização e preservação de informações e acervos; formação, ensino e pesquisa, treinamento, qualificação e requalificação profissional.

Foi qualificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público via Parecer nº 8247/2008 publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 14 de janeiro de 2008.

Acesse o site oficial e conheça a história e os projetos do IPFD:  
<https://ipfd.org.br>



## Sobre as organizadoras



Foto: Alice Vergueiro

**Ana Luisa Zaniboni Gomes**, jornalista e diretora de projetos na OBORÉ desde 1995. Atua na área da Comunicação em diálogo com a Educação, Cultura, Saúde e os Direitos Humanos. Preside o Instituto de Pesquisa, Formação e Difusão em Políticas Públicas e Sociais (IPFD). Doutora pela ECA/USP, integra o Grupo de Pesquisa Mediações Educomunicativas (CCA-ECA/USP, CNPq).

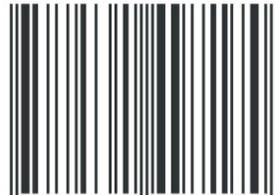


Foto: Ana Clara Copini

**Luana Copini**, jornalista, gestora de projetos e ativista pela educação. Possui especialização em meios, narrativas e plataformas tecnológicas e pós-graduação em globalização e cultura, educação infantil e sociologia da infância. Na OBORÉ, integra a equipe de coordenação pedagógica do Projeto Repórter do Futuro e é parceira estratégica no desenvolvimento e gestão de projetos de comunicação, mobilização e impacto social.

ISBN: 978-85-61497-17-0

**CDL**



9 788561 497170